

As expressões *aí está* e *lá vai* como instâncias da construção LocV

(The *aí está* and *lá vai* expressions as instantiations of the LocV construction)

Rossana Alves Rocha

Universidade Federal Fluminense (UFF)

rossanalves@yahoo.com.br

Abstract: This paper investigates patterns of use of LocV construction in expressions such as “*aí está*” and “*lá vai*”. We intend to validate a possible joint which is more grammatical and conveyed by this constructional scheme. The research is qualitative, based on linguistic Functionalism, according to Traugott and Dasher (2005), Cunha et alli (2003), among others, from the study of grammaticalization and metaphorical and metonymic extension mechanisms as well as the cognitive approach of the construction grammar especially in Croft (2001), in the study of the symbolic structure construction.

Keywords: Functional Linguistics; grammaticalization; grammar construction.

Resumo: Este trabalho investiga os padrões de uso da construção LocV em expressões como “*aí está*” e “*lá vai*”. Tenciona-se validar possível articulação mais gramatical veiculada por esse esquema construcional. A pesquisa é de caráter qualitativo e fundamenta-se no funcionalismo linguístico, nos termos de Traugott e Dasher (2005), Cunha et alli (2003), entre outros, a partir do estudo da gramaticalização e do estudo dos mecanismos de extensão metafórica e metonímica como também na abordagem cognitiva da Gramática de Construção, mormente, nos termos de Croft (2001), no estudo da estrutura simbólica da construção.

Palavras-chave: linguística funcional; gramaticalização; gramática de construção.

Introdução

Nosso ponto de partida é a constatação de que *aí está* e *lá vai* são expressões bastante produtivas nas interações dos falantes do português contemporâneo. Essas expressões são tratadas, neste trabalho, como instâncias da construção “locativo + verbo” (doravante LocV), um esquema abstrato que fica à disposição do falante/escritor para possível atualização.

Cumpramos ressaltar que o presente estudo tem sua origem na pesquisa intitulada *Pronomes locativos em construções nominais e verbais do português contemporâneo: ordenação, polissemia e gramaticalização* (OLIVEIRA, 2010), desenvolvida de modo mais específico pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* da UFF.

Partimos da hipótese de que construções verbais em torno de locativos, tais como as expressões *aí está* e *lá vai*, constituem unidade de sentido e forma que articula uma referência semântico-sintática e discursivo-pragmática distinta daquela advinda da soma de seus constituintes. Supomos, ainda, que pressões metonímicas atuam para a convencionalização de um tipo de unidade cumpridora de função gramatical, como elemento de conexão sintática ou textual. Consideramos a cristalização dos elementos nessas expressões fenômeno resultante de processo de gramaticalização.

Ressaltamos que a trajetória histórica das expressões estudadas ainda requer aprofundamento da análise e esse é o objetivo de pesquisa posterior que se pretende realizar. No entanto, o recorte sincrônico proposto por este artigo demonstra a mudança contínua de categorias e significados de *aí está* e *lá vai* sugerindo sua produtividade no português contemporâneo. Desse modo, pretendemos investigar padrões de uso do ponto de vista de modelos fluidos de uso linguístico de LocV, em expressões como *aí está* e *lá vai*, observando possível articulação mais gramatical veiculada por esse esquema construcional.

A análise, fundamentada no Funcionalismo Linguístico, nos termos de Bybee (2010), Heine e Kuteva (2007), Traugott e Dasher (2005), entre outros, aliada à linguística cognitiva, mormente em Croft (2001), leva em consideração fatores sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos e entende que padrões fixos emergem da trajetória de gramaticalização dos elementos envolvidos a partir da frequência ou da regularidade com que são articulados na comunidade linguística.

Com base nessas premissas, tencionamos identificar as motivações para a mudança linguística, quais sejam cognitivas, subjetivas, discursivas e/ou pragmáticas, verificando os traços que diferenciam os distintos usos de *aí está* e *lá vai* como instanciações da construção LocV e, a partir de questões semânticas e formais, propor um *cline* de gradiência das expressões. Procuramos, também, a partir de ocorrências do banco de dados do *site Corpus* do Português, identificar os contextos preferenciais de uso dessas duas instâncias particulares.

Funcionalismo Linguístico

A análise é fundamentada no funcionalismo linguístico norte-americano. Nesse sentido, consideramos, no estudo da língua, sua função de comunicar, a procedência do uso e a gradualidade da mudança linguística, principalmente, por meio do processo de gramaticalização. Segundo Noel (2006), esse processo é entendido por muitos teóricos como a criação de novas construções.

Nessa trajetória ascendente de gramaticalização, está envolvida alteração do estatuto categorial dos elementos, atribuindo funções gramaticais aos materiais lexicais, e, se já gramaticais, funções ainda mais gramaticais em contextos morfossintáticos e semântico-pragmáticos altamente restritos (TRAUGOTT, 2003, p. 645).

Na perspectiva do Funcionalismo Linguístico, a língua, conforme Bybee (2010), além de exibir aparente estrutura e regularidade de padrões, apresenta considerável variação em todos os níveis. A gradiência, assim, é essencial para o processamento linguístico e dá conta também de termos não gramaticalizados, sendo mais ampla que a gramaticalização.

A gramática, por sua vez, é definida por Bybee (2010, p. 8-9) como a formalização, o resultado da organização cognitiva de experiências com a língua. A autora considera a frequência um ponto alto no uso discursivo, pois, a partir da observação da repetição de padrões, evidencia-se a natureza da gramática baseada no uso.

Levamos em conta, ademais, mecanismos dominantes de mudança como a metáfora e a metonímia: esta relacionada às pressões estruturais, numa relação de superfície em que a contiguidade conceitual reflete associação e indexicalidade, atuando no nível sintagmático;

aquela, por sua vez, se refere à transferência de domínios, sendo a consequência, o resultado das relações metonímicas, atuando, assim, no nível paradigmático.

Traugott e Dasher (2005) referem-se a esses dois mecanismos, que operam na gramaticalização de construções linguísticas, e defendem que os aspectos metonímicos são mais básicos para o estudo da mudança linguística por destacarem a situação comunicativa. Os autores contrariam, dessa forma, o ponto de vista aceito por muitos linguistas, uma vez que redimensionam e valorizam o papel do contexto pragmático e das pressões cognitivas nos usos linguísticos.

Em conformidade com tal orientação, os autores (2005, p. 30) ressaltam o papel da subjetivação e a definem como um tipo de processo metonímico pelo qual *os emissores (falantes e escritores), ao longo do tempo, desenvolvem lexemas que codificam ou externalizam suas perspectivas ou atitudes elaboradas no ambiente comunicativo do evento de fala*. Através desse mecanismo, os falantes manifestam suas convicções e valores favorecendo a abstratização das expressões na medida em que sua criatividade licencia usos inovadores mais ligados a questões mais lógicas e, portanto, mais gramaticais.

Para estudar as motivações que levam a essa mudança, a abordagem funcionalista opera nas múltiplas instâncias do uso linguístico. Dessa forma, todas as ocorrências do objeto de estudo são consideradas. O uso e o impacto da experiência no sistema cognitivo, nesse entendimento, são tanto “ponto de chegada” quanto “ponto de partida” e, portanto, as construções linguísticas se desenham, sistematizam e se tornam disponíveis na comunidade linguística através dos processos de domínio geral (BYBEE, 2010).

Cada vez mais integrada aos pressupostos cognitivos, a abordagem funcionalista tem ampliado seus estudos. Bybee (2010, p. 6-8) pesquisa os processos subjacentes à estrutura da língua, que são aplicados a muitos domínios cognitivos. Tais processos, que a autora denomina de *domínio geral*, são:

- a categorização - ligação de identidade associada a representações estocadas;
- o encadeamento - união para a formação de unidades mais complexas;
- a memória enriquecida - estocagem mental de detalhes da experiência com a língua;
- a analogia - produção de enunciados baseada em outros enunciados;
- a associação transmodal - tendência de experiências co-ocorrentes serem cognitivamente associadas.

Assumindo que fatores de ordem pragmática e cognitiva interagem para a criação de *aí está* e *lá vai*, analisamos suas propriedades semântico-sintáticas e discursivo-pragmáticas, via modelo *top down*, quando o sistema linguístico é afetado descendentemente, promovendo assim o surgimento dessas expressões e, via *bottom up*, quando a fixação de seus usos afetam o sistema, ampliando sua representação. Em vista disso, nos fragmentos destacados na análise, observamos o grau de integração sintático-semântico, a função exercida em contextos específicos, a possibilidade de inserção de algum elemento e o tipo de referência feita.

Abordagem construcional

A gramática de construções representa uma reação ao modelo componencial de organização da gramática. Esse novo tratamento foi motivado pelo fato de muitas estruturas gramaticais serem idiossincráticas com respeito às regras muito gerais de sintaxe, que são empregadas por esse modelo tradicional de estudo da língua. Nesse sentido, muitas expressões idiomáticas, como alguns dos usos analisados neste artigo, constituem um fenômeno problemático e, por isso, são um estímulo ao estudo e aplicabilidade dessa gramática que visa a dar conta de porções maiores de textos e seus processos cognitivos subjacentes.

Nessa perspectiva, levamos em consideração o aparato teórico da Gramática de Construção Radical (CROFT, 2001). Conforme Croft, a construção consiste em um pareamento de forma e sentido cujo significado não é dado somente pela soma dos sentidos dos membros da construção.

Nessa abordagem, Croft (2001, p. 18) destaca, nas construções, propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, constituintes da forma, e propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, referentes ao sentido convencional. Ao contrário do que determinam as análises componenciais, segundo o autor, o conjunto dessas propriedades é ligado internamente por um elo de correspondência simbólica (CROFT, 2001). Consideramos que essa conexão se deve ao entrincheiramento dessas duas faces, que passam a ter uma articulação sintático-semântica única convencionalizada em contextos pragmático-discursivos específicos.

Recentemente, as construções são vistas como um novo campo de pesquisa e são relacionadas por alguns funcionalistas aos estudos do processo de gramaticalização (NOEL, 2006). Tal processo vem atender a um desgaste natural da língua, pois a ritualização de um uso específico torna determinadas formas menos expressivas.

Por conta do tratamento das seis propriedades em conjunto, que tem como objetivo abranger as distintas dimensões envolvidas e suas ligações inter-relacionadas, Traugott (2008) defende que a Gramática de Construção Radical é a que melhor se ajusta ao estudo do processo multicamadas de gramaticalização que prevê uma série de mudanças correlatas. A autora procura dar aplicabilidade à teoria da interseção entre abordagem da gramática de construções e gramaticalização. Por tudo isso, os estudos dessa autora dão suporte ao estudo da construção LocV, alvo de análise deste artigo, e fornecem recursos para uma explicação mais consistente desse modelo virtual, cognitivo, instanciado por atualizações como *aí está* e *lá vai*.

Usos da expressão *aí está*

Nesta seção, levantamos alguns contextos em que *aí está* ocorre como uma instanciação da construção LocV.

***Aí está* – Expressão menos entrincheirada**

Aos usos da expressão *aí está*, em que os elementos preservam sua autonomia sintático-semântica e discursivo-pragmática, denominamos expressão menos entrincheirada. Como se pode verificar, a posição dos elementos não determina um uso mais cristalizado.

No fragmento destacado em (1), podemos inverter a ordem de *ai* e *está* sem que se verifique alguma mudança expressiva de significado.

A sequência em que a expressão se encontra é predominantemente narrativa; no entanto, por as sequências não serem “puras”, *ai está* encontra-se em um contexto frasal que denota hipótese factual, confirmada pelo emprego dêitico de “agora”, “está” e “ai”. Pressupomos, portanto, que o fragmento permite leitura mais prototípica dos itens, sugerindo explicações, informações a respeito da situação comunicativa. Desse modo, o pronome locativo *ai* se refere a um espaço físico-concreto ou textual e o verbo *está* é usado no seu sentido referencial, com valor estativo ou copulativo.

- (1) Que diria uma cartomante se olhasse agora para as minhas mãos e para esta cidade que **ai está**? São tôdas umas putas mentirosas. A única que havia consultado há dois anos atrás, em Marabá, levava-lhe todo o dinheiro depois de dizer que ele seria muito rico e depois de praticar na cama de lona uma porção de sem-vergonhices. (<http://www.corpusdopotugues.com.br>)

Em (1), há um traço prototípico, anteposição do sujeito ao verbo, representado pelo pronome relativo *que*, o que motiva a leitura da expressão num uso mais concreto. O fragmento demonstra cabalmente uma referência à cidade, tendo como elemento de reforço o advérbio *ai*. Nessa articulação mais prototípica, a forma verbal *está* tem como argumentos o sujeito e o locativo, sendo este, nesse caso, necessário. Propomos que desse primeiro uso mais concreto de *ai está* são derivados outros mais abstratos, explanados a seguir.

***AI está* – Expressão de projeção**

Como expressão de projeção, *ai está* migra para outro padrão de uso e passa a apresentar sentido menos concreto, mais construcional, com sentido próximo a uma relação lógico-semântica de projeção, pela qual um elemento projeta outro por meio de vários recursos léxico-gramaticais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Desse modo, a noção semântica da forma *está* e a foricidade de *ai* são modificados, num adiantado estágio de polissemia, para uma distinta atualização da construção LocV.

- (2) a Prefeitura prefere sacrificar o Festival impondo-lhe as precárias instalações do Teatro do Parque, inclusive para a abertura, porque não quer dividir os créditos. Olha, para as pessoas que têm dúvida quanto ao significado da palavra “provincianismo”, **ai está** um ótimo exemplo. (<http://www.corpusdopotugues.com.br>)

Considerando-se o curso da mudança linguística, em (2), os elementos *ai* e *está* tornam-se um todo composto de forma e significado (uso construcional), deixando de ser itens plenos e independentes. Portanto, se a ordem dos termos for invertida, ou se algum outro item for incluído, ocorrerá mudança no sentido da expressão. Há, nos termos de Croft (2001), um pareamento de forma e sentido, que constitui uma instanciação da construção LocV.

Nesse uso, *ai está* funciona como um articulador textual, ao estabelecer uma relação de sentido entre uma porção de texto anterior com uma porção subsequente. Posicionada entre as duas porções, o que remete à função prototípica do verbo de ligação, a expressão veicula a ideia de projeção ao apontar, indicar, uma ideia subsequente configurada por meio do SN abstrato “um ótimo exemplo”. A seleção de um verbo copulativo demonstra um resquício de ligação, o que nos remete ao princípio da persistência (HOPPER, 2003).

A sequência argumentativa corrobora para esse entendimento por se caracterizar pela progressão lógica de idéias. Trata-se de um contexto que comumente se constitui de elementos mais subjetivos ao se fazer a defesa de um ponto de vista, de uma ideia.

***Aí está* – Caso imbricado: expressão menos entrincheirada e expressão de projeção**

No fragmento (3) a seguir, apresentamos um dado de difícil análise e classificação de *aí está* por explicitar um contexto de hibridização. Esta ocorrência demonstra que as mudanças na língua são graduais, o que favorece a criação de ambientes com expressões ambíguas.

- (3) “ubi est caritas ubi est amor est Deus” qualquer coisa assim, “onde existe a caridade, onde existe o amor, **aí está** Deus”. O próprio fato dessa procura em latim talvez queira significar a dificuldade de cada um achar dentro de si essa caridade e esse amor ao próximo que são o endereço onde Deus mora e, aproveitando a abrangência do latim, em que “est” tanto significa # “está” como “existe”, são Deus. # Quando você achar a caridade, o amor ao próximo, você achará Deus, é o que se deduz, ou vice-versa. (<http://www.corpusdopotugues.com.br>)

Em (3), ilustrando a visão da gradiência exposta por Bybee (2010), temos, por conta de um contexto híbrido, uma etapa intermediária entre duas funções: a menos entrincheirada e a expressão de projeção. Temos, nesse caso, motivação para o processo de gramaticalização.

Podemos caracterizar a sequência como expositiva por apresentar explicações acerca do termo em latim, o que nos leva a uma leitura mais autônoma dos itens. Por sua vez, identificamos modalização feita pelo autor, numa estratégia de subjetivação, por meio de “talvez queira”, “quando você achar”, “é o que se deduz”, permitindo, também, uma leitura mais distante da prototípica.

O substantivo *Deus*, apesar de concreto numa visão formal, é semanticamente abstrato. Há, assim, o possível entendimento como expressão mais lexicalizada (referencial). O locativo *aí*, juntamente com o emprego de *onde*, igualmente de valor locativo, está retomando a localização virtual de Deus: “onde existe a caridade, onde existe o amor”, reforçando seu uso mais referencial. Por outro lado, a posposição do sujeito é um traço marcado, o que permite entendimento mais abstrato da expressão, com sentido próximo a uma relação lógico-semântica de projeção.

***Aí está* – Operador argumentativo**

A mudança de sentido da expressão *aí está* para operador argumentativo, como no fragmento que segue, aponta para a crescente abstratização e pragmatização do significado da construção LocV. Há uma relação lógica de causa ou de consequência, pautada em elementos factuais. Tal uso indexicalizado encontra-se ancorado na situação comunicativa de argumentação e deriva dessas relações lógicas.

- (4) JC - Qual a diferença entre a sua gestão e a do ex-prefeito Jarbas Vasconcelos? ROBERTO MAGALHAES - No momento não há como se falar de diferenças, porque a tônica desses seis meses foi a continuidade. E **aí está** a quarta etapa do canal do Jordão concluída, faltando apenas as duas pistas de rodagens. **Aí está** o Hospital de Olhos, que não parou um dia sequer, e este ano ainda será inaugurado. (<http://www.corpusdopotugues.com.br>)

No fragmento acima, a expressão *aí está* estabelece noções semânticas de causa/consequência, reforçando um argumento relevante para a sustentação do ponto de vista

do falante. A posição da expressão a cada introdução de argumento promove progressão textual e ratifica a articulação dessas relações lógicas inerentes às sequências argumentativas. Tais sequências, por serem intrinsecamente subjetivas, representam um campo fértil para a gramaticalização, colaborando para a interpretação de *aí está* num outro padrão construcional. Aqui não apenas o dado, mas, sim, todo o ambiente é subjetivo, denotando pressão contextual típica do mecanismo de metonimização.

A partir dos usos da expressão *aí está*, propomos o *continuum* abaixo:

MENOS GRAMATICAL		MAIS GRAMATICAL
-		+
EXPRESSÃO MENOS	>	EXPRESSÃO DE PROJEÇÃO
ENTRINCHEIRADA	>	OPERADOR ARGUMENTATIVO

Usos da expressão *lá vai*

Nesta seção, levantamos alguns contextos em que *lá vai* ocorre como uma instanciamento da construção LocV.

Lá vai – Expressão menos entrincheirada

No fragmento a seguir (5), *lá vai* possui sujeito anteposto, agentivo e de referência humana, o que configura uma função mais prototípica dessa expressão. O pronome locativo *lá* faz referência a um local determinado e o elemento *vai* indica deslocamento de um ponto a outro. Esses fatores contribuem para a leitura de *lá vai* como uma expressão menos cristalizada, mais referencial.

- (5) Bem feito! Mas o Miguel Reboredo, que peça! Felizmente para Viana ele só **lá vai** uma vez por semana. É uma vila grande, onde não há casa sem pára-raios e quando lá apanham o hospital cheio de doentes pobres botam-lhe fogo. (<http://www.corpusdoportugues.com.br>)

O fragmento evidencia, por conta do contexto metonímico pontuado por elementos que indicam localização, a independência do elemento *lá* como um pronome locativo, referindo-se ao local aonde vai “uma vez por semana”, e do elemento *vai* como um verbo de deslocamento, do lugar onde “ele” se encontra para a “vila grande”, seu destino. Os itens da expressão, gramaticalmente independentes, possuem os traços ditos estáveis dos dois elementos.

Lá vai – Expressão de apresentação

Nesse padrão construcional inovador, o grau de comprometimento do falante com a ação verbal é omitido. Aqui, a estratégia é tomar uma posição aparentemente neutra, atenuando as marcas da autoria da ação de deslocamento. Isso corrobora a mudança, pois, conforme Traugott e Dasher (2005), a mudança se dá do menos para o mais pessoal, por isso, num *continuum* de abstratização, esse uso de *lá vai* segue, possivelmente, a expressão mais referencial.

- (6) Ainda não decorrera metade do tempo marcado para o repouso do incansável espírito, recebi com a resposta este simples bilhete: “Não pude esperar. **Lá vai** a coisa. Se não servir, rasgue”. A coisa era esta extraordinária carta, cheia de mocidade e de fulgor. (<http://www.corpusdoportugues.com.br>)
- (7) Já tem data para voltar? Sua mãe não diz nada, mas vê-se que morre de saudades. **Lá vai** um abraço que bênção anda fora de moda. (<http://www.corpusdoportugues.com.br>)

Nos dois fragmentos (6) e (7) acima, a expressão *lá vai* posiciona-se no início do período, um local não prototípico, tornando a sequência menos concreta. Verificamos ainda que a autonomia do sintagma nominal posposto à expressão contribui para essa impessoalidade. Há uma estratégia intersubjetiva de desfocalização do agente.

O uso de *lá vai*, dessa forma, parece preservar a face do falante, que omite a ação de enviar, deslocar, como se “o abraço”, “a coisa”, por si sós, tivessem autonomia, agentividade. Essas inferências apoiadas nos emissores são pistas da mudança envolvendo subjetificação (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 81).

Lá vai – Expressão de apresentação de tempo decorrido

Como expressão de apresentação de tempo decorrido, entendemos o uso de *lá vai* no valor de verbo impessoal. Propriedades morfossintáticas, como a presença do advérbio de tempo *já* anteposto à expressão, e referências de tempo, como “um ano” e “quantos anos”, após *lá vai* concorrem para a sua leitura nesse valor construcional.

- (8) JORNAL DE NOTÍCIAS (JN) - Já **lá vai** um ano sem se conseguir eleger o Conselho de Arbitragem da FPF, uma situação que envolverá alguns perigos para o futebol português. (<http://www.corpusdoportugues.com.br>)
- (9) INF Era. Era dois. Era dois só. Dois. Eram dois moradores. INQ2 Isso já **lá vai** quantos anos, senhor, senhor Arquibaldo? INF Ah, isso já vai lá perto de duzentos anos. (<http://www.corpusdoportugues.com.br>)

Os dois fragmentos acima, como visto em Traugott (2008), mostram a importância do contexto morfossintático como fonte ou origem de gramaticalização. Assim, pressões metonímicas, como a presença do advérbio de tempo *já* antes da expressão *lá vai*, ilustram a força dessas pressões motivadoras da mudança linguística por gramaticalização.

Lá vai – Expressão de introdução intensificadora

Configura-se, nos dois fragmentos a seguir, o uso da expressão *lá vai* como uma expressão de introdução evidenciando informação de valor quantitativo e/ou de intensidade. Por meio desses mecanismos, os falantes podem expressar sua opinião, sua posição diante de um determinado fato, ressaltar a importância desse fato para a compreensão de seu objetivo, transmitir seu estado emocional. Nesse contexto interacional de uso, o significado resulta de associações de ideias por meio da metáfora, um mecanismo inerente à faculdade humana de relacionar elementos análogos ou assemelhados.

- (10) Um homem desses acabar assim - que castigo! - dizia um. - É “cosa” feita! Foi inveja da “inteligência” dele! - dizia uma preta velha -. Gentes da nossa “cô” não pode “tê inteligência”! Chega logo os “marvado” e **lá vai** reza e “fêtiço”, “pa perdê” o homem - rematava a preta velha. (<http://www.corpusdoportugues.com.br>)

- (11) Quem sabe um dia, depois dele viúvo, a gente não arranje uma simpatia de Marianinha por ele? - Mas ele é muito mais velho do que ela. Ela só tem dezesseis anos e ele uns trinta e **lá vai** pedrada, meu amor. - E daí? (<http://www.corpusdoportugues.com.br>)

Nos fragmentos (10) e (11), a presença dos substantivos abstratos contáveis “reza” e “pedrada” e sua posposição à expressão, configurando um sujeito não agentivo, favorecem a abordagem construcional da expressão *lá vai* como uma expressão de introdução. Tal estratégia está diretamente ligada à intenção comunicativa do falante, à importância que ele concede a um determinado evento, a um sentimento, a um comentário ou à ideia que ele quer transmitir. A expressão, portanto, modificou sua natureza em direção a um sentido mais abstrato, por conta de sua relação com as formas adjacentes.

***Lá vai* – Expressão de introdução catafórica**

Como vimos em Bybee (2010, p. 5), há variação e gradiência em instâncias específicas de uma construção. Isso é comprovado pelo uso da expressão *lá vai* em outra funcionalidade, como a do fragmento a seguir:

- (12) Deve fazer umas quadrinhas novas... Porque não faz? - Fiz já. - Pode recitar? - Pois não. - Diga lá. - **Lá vai**: Ai, Filomena, Se eu fosse como tu, Punha uma máscara Na cara do Dudu. (<http://www.corpusdoportugues.com.br>)

No fragmento (12), a expressão teve seu uso estendido, sendo usada como um recurso para preparar o interlocutor para o que será anunciado. A presença de dois-pontos após a expressão e a sequência dialogal desempenham, em função da metonímia, um papel crucial para a leitura como expressão de preparação. Esse uso explicita o envolvimento de fatores cognitivos e pragmáticos na mudança pelo processo de gramaticalização.

Numa proposta de gradiência da expressão *lá vai*, temos, por hipótese, o *continuum* abaixo:

menos gramatical		mais gramatical
-		+
expressão menos entrincheirada	>	caso imbricado >
		expressão de apresentação expressão de introdução

Resultados preliminares

De acordo com as análises feitas neste trabalho, as expressões *ai está* e *lá vai* confirmam, como visto em Bybee (2010), que a gradiência perpassa todos os níveis da língua. Tal variação possui relação com a competição de usos e com a unidirecionalidade, uma vez que nas duas expressões presumimos uma trajetória do mais para o menos concreto.

As expressões estudadas apresentam, como vimos, heterogeneidade, gradiência e variação, funcionando nas mais diversas situações e contextos. Há, assim, novos usos coexistindo com antigos, os quais podem ou não desaparecer (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Esses processos dinâmicos são entendidos como resultados do processo de gramaticalização.

Nesse sentido, identificamos gradação do uso de *ai está* e *lá vai* com sentidos mais concretos, pela atuação como palavras autônomas, numa expressão menos entrincheirada,

para usos mais abstratizados, com as palavras em usos menos referenciais. Os usos das duas expressões são bastante diferentes em relação à função, refletindo a forte ligação entre linguagem, cognição, cultura e experiência.

Sabendo que a frequência das expressões *aí está* e *lá vai* determinam sua produtividade, verificamos que a expressão *lá vai* apresenta maior variação de sentido por ser mais frequente, menos marcada, evidenciando cinco usos. As experiências com a língua, o particular, como visto em Bybee (2010), afetam suas representações cognitivas, o geral.

Em conformidade com os pressupostos da linguística cognitiva e da linguística funcionalista defendemos que as funções das expressões estudadas desempenham um papel singular no processo de criação da gramática da língua portuguesa. A análise proposta necessita ainda se aprofundar nas observações e nos testes das trajetórias de abstratização. Trata-se de uma agenda de pesquisa promissora, que apenas se inicia.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar – a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NOEL, D. *Diachronic construction grammar vs. grammaticalization theory*. 2006. Disponível em: <<http://hub.bku.hk/handle/123456789/38694>>. Acesso em: 24 jun. 2011.

OLIVEIRA, M. R. de. *Pronomes locativos em construções nominais e verbais do português contemporâneo: ordenação, polissemia e gramaticalização*. Rio de Janeiro: 2010. Projeto de pesquisa enviado ao CNPq.

OLIVEIRA, M. R.; TEIXEIRA, A. C. M. Gramaticalização das construções “vá lá” e “vamos lá”. *Todas as Letras*, v. 16, p. 70-79, 2010.

ROCHA, R. A. *As construções “daqui vem” e “daí vem” no português contemporâneo*. 98 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 624-647.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.). *Variation, selection, development* –probing the evolutionary model of language change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.